

RESUMO - ST12 - CULTURAS E DIFERENÇAS – O RECONHECIMENTO DO
“OUTRO” E O EXERCÍCIO DA ALTERIDADE NA CONSTRUÇÃO DE
SOCIEDADES PLURAIS

**ESTEREÓTIPO, IDEOLOGIA E ALTERIDADE: UM ENFOQUE (POLÍTICO)
SOBRE O OUTRO EM VIDAS SECAS**

Claudia Regina Camargo (camargo.claudiaregina@gmail.com)

O presente trabalho tem como objetivo apontar alguns pontos principais para reflexão na obra *Vidas secas*, como a questão da ideologia dentro dos discursos, algumas características sobre a alteridade, e a representação estereotipada que obras com visível caráter denunciativo, ajudaram a criar e reforçar. A análise partirá de estudos de teóricos como Homi Bhabha (1991 e 1998), Edward Said (2005 e 2011) e Franz Fanon (2008).

Percebemos na obra um tom denunciativo, levantando várias questões sobre o outro, sobre as vidas exploradas. Para contextualizar essa provável intenção denunciativa do autor, é bom lembrar que Graciliano esteve preso dois anos antes de escrever essa obra (1936), por sua afinidade com os pensamentos comunistas e marxistas, que colidem com a ideia de exploração da força de trabalho ou inferiorização do outro de qualquer forma. Foi na cadeia que Graciliano escreveu *Angústia* e o texto *Baleia*, que originou o romance *Vidas Secas*.

O autor, de uma forma simples e econômica, nos apresenta algumas importantes reflexões, por meio da fenomenologia e da simbologia da seca (SANTA ROSA MATOS 2012, s.p.), como: a questão da identidade, da linguagem, da desumanização, da infância, da representação da mulher

nordestina, da exploração do trabalho, temas importantes dentro da visão marxista. A importância de apontar essas características em uma obra do século passado, é justamente perceber como certos estereótipos foram se firmando e confirmando no tempo, já que essa concepção pode ter colaborado para uma representação imagética estereotipada do povo nordestino.

Para melhor compreensão do texto, faremos uma breve descrição do momento histórico e das secas na região nordeste. Essa contextualização histórica da seca nos permite perceber que os problemas advindos dela, como a extrema pobreza, estão muito mais relacionadas a um discurso político-ideológico de preservação de poder, ou como pontua SANTA ROSA MATOS (2012, s.p.), um “artefato histórico-cultural”, que um fenômeno ecológico e pluviométrico, propriamente dito.

Além da seca, devemos destacar o contexto histórico em que a obra foi escrita: durante a década de 30 (publicada em 1938), período de grande turbulência política no Brasil e no mundo. Os Estados Unidos viviam uma grande crise econômica, se recuperando ainda da Grande Depressão (quebra da bolsa em 1929) e a Europa ainda se recuperava do fim da Primeira Guerra (1918). No Brasil, além da crise cafeeira, aconteceu a Revolução de 30, com Getúlio Vargas instalando o Estado Novo em 1937, sendo este um regime autoritário e anticomunista. Graciliano Ramos, como já mencionamos, era influenciado pelo marxismo, chegando a ser preso, e, posteriormente, tendo se filiado ao Partido Comunista Brasileiro em 1945. Essa visão do todo que envolve a obra é importante para as reflexões que faremos.

É preciso salientar que o título nos informa que a obra não irá tratar sobre a seca do Nordeste, mas de vidas secas, ou seja, vidas ressequidas não somente pelas condições climáticas, mas por todas as coisas que advém da miséria total: conformismo, falta de perspectiva, humilhação e alienação total da condição humana e dos direitos inalienáveis de todos.